

7 Notas sobre mediações de leitura

Marcel Petre teve vários momentos difíceis consigo mesmo. Mas pelo menos ocupou-se em tomar notas/.../ (Clarice Lispector)

Para falar um pouco sobre a mediação de leitura, desde já, esclarecemos que não pretendemos dar conta de esgotar todas as teorias que emanam das infinitas possibilidades de recepção em um “círculo de leitura”, mas atentar para sua existência e para elas indicar caminhos é um dos papéis do mediador. Certamente, este mediador nunca poderá se furtar ao exercício do ler, que, insistente, demandará seu retorno.

Sabendo disso, nosso diário de leituras iniciou-se a partir da proposta de descrição dos elementos considerados mais relevantes, experienciados durante as cenas dos “círculos de leitura”. Nele, íamos registrando os textos lidos, os leitores-guias sorteados, o comportamento dos leitores com relação à participação, dentre outras percepções ou mesmo fatos considerados relevantes pelo nosso olhar.

Não é possível, no entanto, pensar que estas anotações puderam mostrar os leitores em sua transparência, porque, na experiência cultural da leitura, eles, constantemente, modificam-se e surpreendem; porém, a adoção deste diário permitiu reconhecer alguns subsídios para reflexões e possíveis encaminhamentos durante o percurso do “círculo”. Íamos percebendo as mudanças e, com isto, podíamos lançar diferentes provocações, como por exemplo, chamar a opinar aqueles leitores mais calados. Não que isto se fizesse de maneira precipitada, ao contrário, íamos delicadamente puxando ao silêncio os que tagarelavam ao vazio e trazendo para a fala os que procuravam manterem-se “incógnitos”.

7.1 O nosso diário

Destacamos nas anotações iniciais as prioridades que, em vários pontos do diário, eram lembradas como elementos considerados fundamentais para o bom andamento das leituras e para o desenvolvimento dos leitores, tais como: o prazer de ler; a dissociação entre a leitura, a escrita e a nota; ausência de teoria como

ponto de origem das discussões e aproximação com os textos pelas vias da afetividade.

Uma grande dificuldade imposta por uma forma de leitura dos participantes esteve ligada à constante tentativa de teorização, o que, de início, levou muitos ao desânimo, em alguns momentos de leitura e escrita. Observamos que, ao aplicar (com equívocos) a teoria, o leitor sentia-se desencorajado para prosseguir com comentários orais ou escritos, pois se via despreparado para tal empreitada. Assim, por muitas vezes, houve a necessidade de repetir sobre a importância de adequar a escrita ao que fosse pertinente à proposta de produção de textos nos “círculos”, ou seja, falar ou escrever sobre o texto lido, partindo de critérios subjetivos, ligados ao (des)gosto originado pelo contato com o texto, tentando dar conta de explicar o porquê de suas proposições.

Foi possível, então, observar uma luta deste sujeito num campo de forças em tensão, pois, conforme mencionamos sobre Geraldi, citando Foucault, os espaços estão muito bem delimitados nos ambientes acadêmicos e está demonstrado, em capítulo anterior, a existência de lugares institucionais os quais devem ser ocupados pelos sujeitos, e estes lugares contaminam as ações, porque, mesmo pelas vias do inconsciente, os implícitos podem ser lidos. O ambiente acadêmico, conforme também já demonstrado, promoveu *a invenção do leitor acadêmico*, determinando-lhe um único tipo de produção e o leitor encontra-se já cindido pelos cortes institucionais:

“/.../ a necessidade de buscar novos conhecimentos e ficar atualizado com as questões do mundo, tem me feito um leitor mais didático. Leio quase sempre jornais, dando destaque às notícias da página de rosto, página policial e Caderno B, além de pesquisar na internet sobre artigos de literatura, tais como os períodos literários, chegando a ler suas principais características e escritores da época.

Sei que ainda falta muito para me tornar um leitor /.../”. (JTO-DL, p.4)

Está, portanto, relatado: ler, com certa frequência, não é condição suficiente para considerar-se leitor, pois os “tipos” de textos lidos servem apenas para o didatismo e um “verdadeiro” leitor não se reduz a isso.

Um primeiro ponto observado, voltando aos primeiros encontros, diz respeito ao silêncio que se instaurava por alguns minutos, depois de feita a leitura do texto. Nos primeiros encontros, acatávamos a preferência dos participantes, acreditando que havia algo acontecendo e que este algo teria sua contribuição a

dar. As formas do silêncio já foi um tema caro para alguns pesquisadores, com os quais podemos compartilhar opiniões e, como eles, nós sabíamos que os sentidos, em muitos momentos, circulariam, apesar da ausência da palavra.

Para Michel Foucault¹, o silêncio é dotado de significado, mesmo que detenha um aspecto negativo, porque reprime a expressão daquilo que tem sentido, gerando silêncio. Trata-se do silêncio imposto pela censura, pela interdição, de qualquer ordem, tal como a sexual, a política, a moral, a religiosa e outras.

Já Wittgenstein² vê o silêncio como incompletude ou deficiência da linguagem, em que todo o dizer mantém uma relação fundamental com o não-dizer: "... sobre aquilo que não se pode falar, deve-se permanecer em silêncio". Uma espécie de incompetência e precariedade da linguagem para substituir completamente o mundo real, deixando por todos os lados pelos quais se observa, lacunas de sentido e significado é a forma pela qual o filósofo pensa o silêncio.

Segundo Eni Orlandi³, existe, ainda, o silêncio que habita além do horizonte, como iminência do sentido, que aponta para fora da linguagem: o silêncio do porvir, que depende do esforço humano para alcançá-lo nas formas da ciência, das artes, da cultura como um todo. Mas toda vez que chegamos perto de seus domínios e avançamos o pé um pouco adentro de suas fronteiras, ele se afasta ainda mais, tornando nosso esforço um constante caminhar rumo à expansão dessas fronteiras do conhecimento.

Por fim, há o silêncio proveniente da percepção originada pelo contato com a arte, que, embora não signifique nada de lógico, possível de ser organizado em linguagem verbal, transmite uma sensação, um desejo, um prazer, um afeto, que por brotarem a partir de critérios muito subjetivos, depende exclusivamente do contato entre obra e sujeito/ receptor.

Acreditando, assim, que o silêncio também diz, especialmente nesta prática leitora, antecipamos aqui, para dialogar com as nossas reflexões, outras encontradas nas produções de texto e nos diários dos próprios leitores. Sobre o conto "Gaetaninho", de Alcântara Machado, a leitora percebe: "/.../ A narrativa é feita no silêncio, vazio e reflexivo, pois só assim podemos refletir muito sobre o

1 FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir, 2004.

2 WITTGENSTEIN, L. Tractatus lógico-philosophicus, 1995.

3 ORLANDI, Eni Pulcinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos, 1995.

conto.” (ALL-PT, p. 5) Também, em comentário anterior, na exposição da leitora sobre as diferentes reações dos leitores, no círculo, está incluído o “silêncio pensativo”. Segue ainda outra observação:

“Percebo isso no círculo de leituras, quando lemos o texto ficamos por alguns segundos olhando para os colegas com medo de nós pronunciarmos e ser a diferença e sermos contestados pela opinião que temos do texto. Eu percebo em alguns colegas o alívio quando as opiniões começam a se parecer /.../”.

(SMS-DL, p. 2/3)

Portanto, o “preenchimento” dos espaços pelo silêncio, definitivamente, carrega sentidos diversos e são passíveis de serem lidos. Nos casos exemplificados, encontramos, respectivamente: o silêncio que propõe reflexão; o que leva à tentativa de encontrar significados; e aquele que denota medo: o silêncio da censura.

A partir daqui, optamos por inserir as análises de outros aspectos de nosso diário entrelaçadas às produções de texto e diários dos leitores, pois muitos pontos convergiram para as observações que se seguem. São eles: **a visibilidade da escrita e a comunicação, os intertextos, a logicidade da escrita, a criticidade, o posicionamento e a logicidade da escrita, as comunidades interpretativas, os obstáculos da linguagem enfrentados na leitura, o prazer de ler, a identidade, a religiosidade, o roubo de livros, erotismo e/ou pornografia, a previsibilidade do leitor, a análise e interpretação e, finalmente, a sensibilidade.** E todos eles aparecem atravessados, ainda, por tantos outros, permitindo-nos vislumbrar a extensa teia que se forma, ao nos debruçarmos sobre pesquisas que envolvem a leitura e a cultura.

7.2

Produções de texto e diários dos leitores - entrelaçamentos

Qualquer idéia que te agrade,
Por isso mesmo... é tua.
O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro de ti se achava inteiramente nua...

(Mário Quintana)

Um dado interessante nas produções de texto é a verificação de textos reescritos pelos estudantes, por duas a até três vezes. Muitas vezes, ao

perceberem, por conta própria, a necessidade de modificação dos textos, eles os reescreviam, revendo os posicionamentos e a organização formal. Muitas vezes, houve comentários nossos sobre as produções, de forma que tal reescrita, nestas circunstâncias, fosse previsível. Mas chamamos a atenção para a crescente autonomia que os sujeitos foram desenvolvendo, a ponto de, eles mesmos, sentirem os momentos mais adequados para praticar sua reescrita, descolando-se mais das observações do professor, na superação de dificuldades percebidas. Em seu roteiro de leitora, a estudante comenta: “Quero registrar aqui o ‘Círculo de Leitura’ que teve muito a ver nesta minha caminhada, tenho aprendido a reescrever os meus textos que confesso, era um desastre total” (JAC-RL).

Outras especificidades das produções textuais estarão comentadas e articuladas, aos diários de leitura, com pertinência a alguns pontos relevantes, ao longo deste capítulo.

Convém, por enquanto, comentar com especificidade, no que diz respeito à escrita dos diários, a presença de interlocutores mais marcados neste exercício de escrita. Ressaltamos que a escolha de um interlocutor nos diários deu-se de maneira individual, autônoma, livre. Assim, muitos leitores/escritores escolheram seus interlocutores por critérios seus (conscientes ou não), de acordo com o que gerou mais segurança para prosseguir. Enquanto alguns dialogaram com os autores dos textos, outros optaram por dialogar com o próprio diário, outros, ainda, com a professora/mediadora e, finalmente, alguns não apresentaram nítida definição neste sentido, mesclando interlocutores, ou anulando-o, de acordo com suas necessidades no dia da escrita.

Ao tentarmos descortinar as conseqüências destas escolhas para o desenvolvimento da produção, é interessante perceber, em apenas um dos diários, que, quando o interlocutor, assumido, com clareza, ao longo de toda a produção, foi o próprio diário, o leitor mostrou-se mais livre para não ler, escrevendo: “Hoje não li nada”; para o interlocutor nulo ou implícito o leitor registra: “Não li nada, tanto por falta de tempo, como por falta de vontade”; para o interlocutor oscilante entre os quatro listados acima, inclusive o professor, não encontramos a assunção da liberdade de não ler, ao contrário, alguns, em muitos momentos, fizeram um jogo de evasivas. Este último aspecto está bastante evidente, num dos diários, quando a leitora, já graduada em Direito, segue pelas páginas comentando fatos,

fazendo desabafos, discutindo com professores de outras disciplinas suas insatisfações, mas deixando as reflexões sobre leitura com pouca presença em seu diário.

É interessante ressaltar que, nossas observações, relacionadas à escrita de um diário de leitura, levaram-nos a perceber que esta produção não necessita de tantos “conselhos” e roteiros a serem seguidos para que aconteça o seu desenvolvimento. Temos conhecimento de trabalhos dedicados aos “diários de leitura”, inclusive com publicações de pesquisas totalmente voltadas para este gênero, mas, ao verificarmos seu desenvolvimento, notamos que reincide num problema comum às formas de ensino de leitura e escrita criticadas aqui: a de tentar revelar *a priori* todos os caminhos a serem percorridos, grosso modo, significa “dar as coisas prontas”, assentado sobre a crença de que todo o saber está posto em uma única pessoa: o professor.

Em nossa experiência, foi interessante observar que a prática da leitura e da escrita permite ao leitor/escritor criar suas próprias estratégias de desvendamento dos textos. Se esta afirmação pode parecer estar associada, por distante que seja, à idéia de que o leitor/escritor ficará, então, solitário, abandonado à própria sorte de sua exclusiva interpretação, devemos esclarecer que não se trata de tal coisa. Na verdade, este leitor estará mais responsável por suas opções e o mediador (e outros leitores) estará, junto com ele, refletindo, apoiando ou desconsiderando as escolhas, à medida que ambos perceberem produtivas ou infrutíferas. O papel do mediador é “lançar mais luzes” sobre cenas já iluminadas e deixar morrer na escuridão aquelas menos profícuas.

Problematizando ainda mais, trazemos para o diálogo um texto do jornalista Zeca Camargo que nos leva a pontuar questões de leitura e escrita, quando estas são lançadas para outros universos que não o escolar. A questão da **visibilidade da escrita**, ligada à comunicação leva-nos a dar atenção a outros contextos. Neste sentido, algo importante originado pela publicação do jornalista liga-se às dimensões alcançadas pelas categorias de leitor e não-leitor ou iletrado criadas pelo “senso comum”. Ao comentar sobre a dificuldade de interpretação e compreensão “de uma frase simples” que alguns leitores deixam escapar, quando comentam os textos de seu blog, o jornalista é muito enfático sobre sua maneira de tratar o não-leitor.

A despeito de perder leitores pela demora em introduzir o assunto do dia, na adaptação para a televisão do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, o comentarista assume com franqueza a intencionalidade de tal perda, à medida que, para ele, quem não é suficientemente perseverante para se demorar pelos caminhos longos do texto, não é também o interlocutor de sua preferência. Leiamos:

Tanto tempo depois, eu mesmo me surpreendo com a dificuldade que algumas pessoas têm de entender uma frase simples. Foram várias reações negativas à lista/.../ O que mais me encantou, porém, foram os que reclamaram que a lista só tinha bandas que elas não conheciam – não com a embutida gratidão do curioso (caso de muitos, felizmente) que quer conhecer mais, mas com o desdém de quem não tem sequer a inquietação de explorar algo novo. Ora, se uma lista leva o título de “Os 15 (+1) melhores discos que você NÃO ouviu em 2008”, hum, será que não está claro que estou te convidando a descobrir algo que não conheces? Então, por que o protesto? Desse grupo, que reúne comentários com diferentes níveis de indignação (dos simplesmente perplexos aos inexplicavelmente ofendidos), destaco o comentário de William Lima que, apesar de gostar do blog, pergunta: “esse cara naum escuta música normal naum?”. Bom, aqui a resposta: claro que escuto música normal. /.../ o post de hoje é sobre a grande estréia da TV nesta semana, baseada no livro “Dom Casmurro”, que é talvez a obra maior de Machado de Assis – lembrado em 2008 pelos 100 anos da sua morte. Por que eu demorei tanto para introduzir o assunto de hoje? Bem, quem sabe assim eu tenha conseguido dar uma filtrada em quem passa por aqui, despistando aqueles geralmente sem paciência para ler tudo/.../. Enfim, se você acha que Machado de Assis é uma ferramenta que vem do interior de São Paulo, dê um novo google e procure algo mais “interessante”, pois agora vou falar de “Capitu”...⁴

Embora o jornalista não faça concessões aos “não-leitores”, mostra-nos uma posição diferenciada em relação à escrita que se desvia da norma ortográfica padrão, pois responde à pergunta feita pelo leitor-internauta — *esse cara naum escuta música normal naum?* —, deslocando a ênfase da forma da escrita para a da comunicabilidade da escrita.

Isto nos leva a levantar (confirmar) algumas hipóteses: a de que o conteúdo tem privilégio sobre a forma em situações de comunicação; a de que o iletrado cultural, não no sentido antropológico do termo, é mais facilmente segregado — ainda que a literatura não seja reconhecida como algo de que se pode tirar proveito, ela serve para excluir os não iniciados —; a de que o hibridismo oral/escrito é mais aceito na internet, porque — retire-se o foco do leitor e o incida

4 *Música normal*. Postada por Zeca Camargo, em 11 de dezembro de 2008, às 16h34. Disponível em:<<http://www.colunas.g1.com.br/zecacamargo>>

sobre os textos — este suporte não aceita regras de contenção, por todas as características que apresenta e representa, como, por exemplo, a rapidez, a fluidez dos textos. A última hipótese, claro, acopla-se à proposta maior da comunicação em rede, já não mais reduzida a isto e hoje impregnada de todo tipo de material escrito, que não nos interessa listar, pois comporta uma infinidade de gêneros, dos mais básicos, até aqueles altamente híbridos.

Com relação à associação de idéias e **intertextos**, em todos os diários, sem exceção, encontramos registros da tentativa de associar idéias e/ou construir intertextos. Houve um esforço dos leitores para estabelecer relações intertextuais entre os textos — inclusive trazendo para o diálogo, todas as outras disciplinas do curso —, e/ou com a própria vida, trabalho, um processo, aliás, extremamente valorizado por eles. Da importância de perceber o mundo, através do texto (ou vice-versa), relacionando com aspectos da vida, até as ligações, explícitas ou implícitas, entre os textos, estão registrados os aspectos favoráveis de tal prática:

“Ao assistir ao 1º capítulo da novela ‘Senhora do destino’ da Rede Globo, pude notar em uma das cenas, um pequeno intertexto com uma das obras de Graciliano Ramos. Na cena, cujo espaço físico era o nordeste brasileiro, a família, em meio à seca e ao sol, fugia com sua cachorra chamada Baleia/.../ O importante nessa minha percepção é saber que as aulas de teoria e o círculo estão me dando suporte e conhecimento para observar as obras, novelas e tudo com uma visão mais profunda/.../ É muito gratificante saber que eu posso ir além do superficial, pois tenho fundamentos para isso”. (MAB-DL, p.13)

Da leitura do texto à leitura do intertexto, a leitora, no fragmento acima, avalia seu crescimento, colocando o círculo de leitura em diálogo com outra disciplina, neste caso a teoria da literatura.

Em seguida, ao comentar a leitura de uma ‘espécie de parábola’, cujo título não explicita, a leitora diz da importância de se encontrar meios que relacionem textos e realidade, a fim de que sejam feitas reflexões capazes, quem sabe, de alterar a direção dos eventos.

“Esse texto nos mostra que qualquer profissão é importante e cada um tem seu valor. Não devemos humilhar o próximo se ele tem uma profissão menos favorável que a nossa. Diário, quando li essa estória, vi meu marido diante desta situação, pois ele trabalhava em um mercado e era constantemente humilhado pelos patrões. Por fim posso dizer que esses textos pequenos e simples, agradam muito o leitor, além de trazerem importantes reflexões sobre a realidade”. (MAB-DL, p. 14/15)

Outro ponto importante, diz respeito à **logicidade da escrita**, e, já que a investigação da produção escrita de textos não-ficcionais tem sido mais acatada pelos estudos lingüísticos, é importante trazermos ao diálogo este campo do conhecimento. Porém, precisamos, antes de chegar às questões que mais nos interessam, da análise do corpus estudado, ter a cautela de apontar distâncias e aproximações que se revelam como avanços ou armadilhas epistemológicas.

Caminhando, então, por estudos lingüísticos mais recentes, ocupados em atender, na prática, aos *Parâmetros Curriculares Nacionais* do Ensino Fundamental e Médio (PCN's), à luz das teorias de Bakhtin, vemos a busca por respostas e novas estratégias para auxiliar o ensino de línguas no nível citado. A base destas pesquisas, em consonância com o que prega os PCN's, está especialmente assentada sobre a teoria dos gêneros, entendida como o suporte necessário para suprir a falta de material adequado encontrada nas escolas.

Imbuídos pela mesma certeza dos pesquisadores (e por outros interesses), o mercado editorial tem publicado dezenas de títulos sobre este tema e, como ponto de convergência desta linha de trabalho, é possível destacar a (pseudo) mudança, principalmente, do vocabulário teórico, que podemos exemplificar com o abandono do nome do gênero “redação argumentativa” modificado para “texto de opinião escolar” ou “ensaio argumentativo escolar”. Podemos, então, perceber, através desta mera questão vocabular, que não há, nesta linha de pensamento, nenhum avanço efetivo que possa contribuir para o desencadeamento de alguma prática escolar mais relevante. A produção de texto continua intra-muros, existindo para que o professor leia (ou não), dê seu parecer e, talvez, uma nota.

Ainda com relação à adoção de novo vocabulário, merece atenção a nova forma de abordagem para classificar os textos (informativos). A contribuição da teoria Bakhtiniana, que reconhece os gêneros do discurso como sendo “tipos relativamente estáveis produzidos nas esferas comunicativas”, encontra-se na idéia que não permite o esvaziamento dos textos de sua dimensão discursiva de produção, ou seja, não exclui as suas dimensões social, ideológica e, conseqüentemente, cultural.

Mas para exemplificar que os equívocos são muitos, pensamos ser trabalho inócuo, na introdução de um artigo, dizer-se apoiado em questões teórico-metodológicas de pensadores do quilate de Bakhtin e centrar uma análise, ao

longo de páginas a fio, no verbete, no resumo, na notícia de jornal e outros gêneros, sem sequer mencionar o aspecto da recepção e as possíveis conseqüências de construção de sentido para os sujeitos envolvidos nestas produções discursivas. Segundo nosso entendimento, depois de percorrer muitas bibliografias, nada é mais puramente lingüístico e contraditório em relação ao que dizem pretender. Nada pode estar mais próximo de um modelo autônomo de letramento, aquele que considera apenas o uso da língua em sua materialidade gráfica, rechaçando a contribuição dos fatores culturais envolvidos nas construções lingüísticas.

Não que exista algo de errado com as análises, às vezes, centradas nos textos, nas linguagens veiculadas por eles, na sintaxe, na morfologia, se o momento permite tal análise. De fato, também a compreensão destes elementos, bem conduzida, é o nosso objetivo, ao nos aproximarmos dos estudos das linguagens. O incômodo existe por vermos seus autores insistirem nas incoerências, porque, para eles, talvez o mais importante seja jogar com a “bola da vez”. Pois bem, chegamos a Bakhtin, a “bola da vez”.

Equívocos à parte, há também a presença de pesquisadores lúcidos que reconhecem como improdutivo um entendimento que considere a língua como abstrata e estática acerca das questões e, portanto, uma busca por distanciar-se da análise dos textos com base nos “tipos textuais” os quais podem ser reduzidos “a uma meia dúzia de categorias”, nos dizeres de Marcuschi. Dessa forma, o ganho está em deslocar os usos da linguagem, no contexto da produção pedagógica, de uma visão estanque para colocá-los na interação dos sujeitos durante os eventos de comunicação, aceitando que a produção da linguagem não se dá presa a sentidos unívocos das palavras da língua, mas a partir de um processo interativo entre interlocutores, que podem renovar os sentidos a cada interação.

Até aqui atestamos as dimensões positivas de tal pensamento, pois o mesmo vem ao encontro de nossas conceituações iniciais, quando trouxemos a semiótica de Peirce, pelas palavras de Santaella, momento em que o estudioso prevê a renovação de sentidos feita pelo interpretante.

As pinceladas em torno do ensino fundamental e médio, repetimos, interessam-nos, porque é parte do percurso do leitor que irá alcançar as universidades e se desdobra para o ensino superior, pois grande parte dos cursos

de letras nas universidades mantém uma grade que favorece um ensino compartimentado. Isso significa dizer que a literatura continua distante dos bancos escolares, e, paradoxalmente, é comprovado por bibliografias da área da lingüística. O gênero canção, reconhecido por nós como uma das ramificações do gênero poema, quando visita a sala de aula, faz para satisfazer abordagens reducionistas.

O pesquisador Nelson Barros da Costa reconhece que o poema está mais presente no cotidiano das salas de aula e nos livros escolares, mas, chama a atenção para a riqueza do trabalho com a música e seus embricamentos culturais:

/.../o que se deseja não é formar cancionistas, mas ouvintes críticos de canções, capazes de perceber os efeitos de sentido do texto, da melodia, e da conjugação verbo-melódica; conhecedores do cancionero e dos cancionistas de seu país, seus posicionamentos, estilos e discursos; tal como pretende o estudo da literatura.⁵

Infelizmente, o fato de o poema se fazer presente não é garantia de ampliação de repertórios, nem de formação de leitores críticos ou perceptivos e sensíveis. Para dialogar com o autor do texto anterior, trazemos outro que analisa a presença do poema em sala de aula, através das abordagens feitas pelos livros didáticos. Sem a necessidade de aprofundarmos, traremos à tona apenas o título que pensamos conter elementos suficientes para o momento. Assim, os estudos sobre o poema na sala de aula geraram um artigo intitulado: *Abordagem do poema: roteiro de um desencontro*, por José Helder Pinheiro Alves.⁶ Precisamos dizer mais?

Seguindo com nossas análises, defendemos que, para os professores, a escrita deficitária, com relação ao que espera a lógica acadêmica, deve ser objeto de investigação e de preocupação que possa deflagrar a aplicação de estratégias capazes de transformar o estado de coisas constatado. Por isto, a compreensão do texto como processo - e não como produto - de um sujeito- leitor- em constante construção, é indissociável de uma prática responsável que busque contribuir para uma formação adequada.

5 COSTA, Nelson Barros da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: Gêneros textuais e ensino, 2007. p.120

6 ALVES, José Helder Pinheiro. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: O livro didático de português - múltiplos olhares, 2005.

Assim, consideramos relevante fazer emergir algumas contribuições, encontradas em discussões de pesquisadores que privilegiam os estudos lingüísticos ligados às teorias da cultura, assumindo pontos de vista coerentes com nossos estudos e que podem, portanto, sustentar teoricamente uma série de dados engendrados pelo estudo do corpus em questão.

Na esteira das discussões sobre letramento, a partir dos anos 80, respaldadas pela antropologia, psicologia, etnografia, história social e cultural, encontramos forte disposição para um radical esgarçamento das rígidas fronteiras que (como alguns ainda acreditam) separam o oral e o escrito. A coletânea organizada por Inês Signorini, *Investigando a relação Oral/ Escrito e as Teorias do Letramento*⁷, tocou em pontos fulcrais para as questões que levantamos ao tentar compreender, através da escrita, o universo dos leitores sobre o qual nos debruçamos.

Tomando destes pesquisadores as noções que nos interessam, vemos emergir como particularmente importantes as idéias de autoria, hibridismo e heterogeneidade da escrita. Para a primeira, Tfouni⁸ propõe um alargamento em relação à categoria de autor, buscando nela incluir os produtores de textos, orais ou escritos, que são sujeitos de seu texto, ou seja, assumem seu texto, mesmo que vejamos isto, através da escrita ditada por uma força inconsciente.

No caso deste artigo, a pesquisadora centra suas análises, geradas por efeitos morfológicos ou sintáticos, na dispersão e na deriva — para a lingüística textual: a falta de coesão e a coerência —, mostrando que, para controlar as fugas, este autor não pode ser refém do inconsciente. No entanto, sabemos do poder do inconsciente, que, em muitos momentos, controla os processos do sujeito e, assim, o autor não pode vencer aquilo que, muitas vezes, não está sob suas rédeas. Como nós, a autora acredita que a noção de autoria, conforme vista, ancorada pela psicologia e sociologia, leva em conta elementos extra-textuais, pode mostrar que o processo de escrita não acontece com transparência, não é linear ao longo da escolaridade, não sendo, portanto, linear a relação escolaridade/domínio da leitura/escrita.

A segunda noção que nos interessa é a de hibridismo da escrita, grosso modo, anteriormente entendida por alguns estudiosos como a interferência do oral

7 SIGNORINI, Inês. *Investigando a Relação Oral /Escrito e as Teorias do Letramento*, 2008.

8 TFOUNI, Leda Verdiani. *A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento*. 2008.

no escrito. Abandonando tal idéia de contaminação da escrita por formas da oralidade, Signorini⁹ busca demonstrar que tanto a segunda quanto a primeira interpenetram-se para cumprir funções comunicativas definidas pelos interlocutores, durante a interação nas práticas sociais (não entendamos esta definição dos interlocutores de forma simplista). Assim, a pesquisadora desconstrói a hierarquia que pregava a inferioridade do oral, para colocá-lo em posição de igual importância, figurando ao lado da escrita. Desta forma, os gêneros textuais podem comportar textos produzidos no continuum e nos imbricamentos entre o oral e o escrito, colocando-os como uma categoria possível de existir somente a posteriori, a partir das práticas de letramento.

Segundo a autora, o hibridismo apresenta graus e níveis diferenciados e sua constatação depende das posições ocupadas pelos sujeitos¹⁰, tanto em situação de produção quanto de recepção. Nesta linha, pensando a “interferência” do oral no escrito, o texto chama a atenção para a (in)visibilidade da escrita, que dependerá do receptor, ou seja, *não é uma evidência possível de ser identificada por qualquer leitor, em qualquer situação*¹¹. Aqui se estabelece claramente um diálogo com o historiador Roger Chartier, quando afirma ser a recepção na leitura um fenômeno datado e situado historicamente.

Evidentemente, esta escrita híbrida não é prevista pelos padrões de teorização e avaliação da escrita, prestigiados nas instituições escolares e acadêmicas e nem são percebidos como heterogêneos da mesma forma como são reconhecidos em suportes como a internet, nas mensagens dos internautas, conforme se viu exemplificado no texto do jornalista Zeca Camargo.

Por último, para esgotar os pontos relevantes, trazemos a noção de heterogeneidade da escrita, e conseqüentemente de letramento, defendida por Corrêa¹², situando o último para além do que supõe as discussões de Magda Soares¹³, que, mesmo flexibilizando o conceito de letramento em graus ou níveis, tem como marco a alfabetização e a inserção dos indivíduos em práticas de leitura

9 SIGNORINI, Inês. Construindo com a escrita outras “cenas de fala”. 2008. In: _____ (Org.). Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. 2008.

10 Signorini utiliza o termo “interactantes”.

11 Op.cit., p. 99, nota 211.

12 CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino do português. In: _____ . Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. 2008.

13 SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros, 2006.

e escrita diretas ou indiretas. Avançando no percurso, letramento, para o pesquisador, é algo que deve ser pensado não a partir da alfabetização, mas de uma situação anterior a ela, em que o indivíduo, podendo não estar inserido em práticas mesmo indiretas de leitura e escrita, ajude a formar, através dos textos orais, a memória cultural de um povo.

Este autor prossegue postulando a existência da *heterogeneidade da escrita* em contraponto a uma *heterogeneidade na escrita*, pois, segundo ele, reconhecer a segunda forma como pertinente a práticas de produção de textos é reconhecer também uma contaminação do oral no escrito, num sentido negativo. Esta contaminação, assim, deveria ser evitada, o que tornaria a estabelecer a primazia da escrita sobre a oralidade. Por outro lado, entendendo a *heterogeneidade da escrita*, poderíamos enxergar o texto como processo e não como produto imperfeito sempre a perseguir um modelo ideal de escrita.

Nesse sentido, o produtor de textos está envolvido em uma teia de processos muito complexos, em que participam todas as tentativas de resolução de conflitos que envolvem a apropriação do escrever: as questões ortográficas, que não são baseadas em transcrições fonéticas; a própria constituição da língua, enquanto sistema dinâmico, assentado sobre os postulados de diacronia e sincronia de Sausurre; e todos os outros fatores dialógicos em jogo durante o processo em que o “escrevente”¹⁴ materializa suas idéias em texto, como sua intenção, seu leitor, a escrita institucionalizada à qual deve submeter a sua própria, dentre outros. Para Corrêa, o campo da pedagogia e mesmo o campo da lingüística deixam a desejar, quando se esquecem dos processos envolvidos na produção de textos e continuam privilegiando um modelo de escrita que, até hoje, na verdade, não está claramente, nem coerentemente, descrito em nenhuma bibliografia.

Merece também destaque o fato de a pesquisa de Corrêa incidir sobre textos de vestibulares, aproximando-se mais dos problemas de leitura e de escrita do ensino superior, que, excetuando-se os resultados divulgados pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) — e poucos pesquisadores como Dauster, parecem intocáveis para as pesquisas.

Até aqui, trouxemos idéias que vão ao encontro de nossas proposições, mas precisamos balizar, dentro das afirmações de Corrêa, o seguinte argumento:

14 Corrêa emprega o termo para se referir àquele que escreve, ou seja, o produtor do texto.

A consideração da presença do oral no escrito como nefasta para o texto escrito é, portanto, resultado de um posicionamento de quem julga o produto escrito a partir de uma escrita idealizada, supostamente exemplificada nos grandes autores. Curiosamente, os mesmos autores que demonstram, em seus textos, **um trabalho sofisticado com a heterogeneidade da escrita**¹⁵, e que **muitas vezes são considerados grandes exatamente por causa desse trabalho.**¹⁶

Tal proposição merece ser problematizada, por nós considerarmos bastante apressada e generalista a conclusão do pesquisador que envolve certos “nós”. É nítido o fato de que existem posturas preconceituosas e elitistas, sejam por quais motivos forem, ao pensar as linguagens, lembremos o professor sulmatogrossense, já apresentado.

Mas, passando os olhos pela escola que temos, desde alguns anos até hoje, como vemos nos registros da pesquisa, não é possível perceber que os professores sejam capazes de idealizar a escrita de seus alunos, de acordo com os grandes escritores, porque grande parte dos professores não é leitora, não tendo, portanto, parâmetros para detectar a curiosidade exposta pelo autor, ou seja, a de que os grandes autores são grandes por causa do trabalho com a linguagem.

Se por um lado, temos estes professores não-leitores, por outro, ao considerarmos a parcela de professores leitores de grandes autores, que é uma parcela bem pequena, duvidamos muito de que este não soubesse reconhecer a literariedade presente nos textos destes autores, seguindo, assim, para um encaminhamento básico de sua prática: explorar com possibilidades mais amplas os limites e (des)limites entre os diferentes gêneros textuais, neste caso, os informativos e os literários (sem colocá-los em campos dicotômicos, pois já mencionamos os apagamentos das fronteiras rígidas).

Entretanto, pode também haver uma parcela de profissionais que, sendo leitora ou não, esteja também agarrada à gramática normativa, de tal maneira, que a escrita machadiana do século XIX continue a ser o modelo; e, considerando que as gramáticas normativas utilizam como exemplos dos grandes autores, elementos estáveis, com usos limitados, possíveis de serem listados, a escrita ideal está

¹⁵ CÂMARA, Júnior apud CORRÊA, Manuel Luiz Gonçalves. Grifo nosso.

¹⁶ CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino do português, 2008. p. 147. Grifos nossos.

mesmo nos grandes autores. A própria lingüística já provou a limitação das gramáticas normativas.

Apesar disso, afirmar que alguns grandes autores — sim, porque Corrêa não cita nenhum — são grandes justamente por causa do trabalho de heterogeneidade da escrita, exemplificando apenas com a presença do oral no escrito, é tentar desatar um dos nós de forma bastante simplista, já que a arte encontrada no texto literário é resultado da presença de elementos ligados ao estético e também de uma conjunção de outros tantos e não se trata, portanto, de uma simples inserção do oral no escrito.

Embora preguemos o apagamento das rígidas fronteiras, não podemos deixar de reconhecer as diferenças entre aquilo que, num texto, é resultado de expressão estética, capaz de gerar prazer, por ser arte, e outros elementos que se fazem presentes, porque estão ligados à construção de uma subjetividade, que mergulha em contradições e, muitas vezes, não alcança o que deseja a sua própria expressão ou vê-se compelido a suspendê-la por motivos tão seus.

Problematizando ainda mais, trazemos dois textos que nos oferecem um material interessante para a discussão formulada.

Machado de Assis, em seu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, usa o recurso da pontuação, no capítulo *O velho diálogo de Adão e Eva*, entre os pensamentos de Virgília e Brás Cubas, oportunizando ao leitor que ele preencha os vazios com sua imaginação. Machado fornece elementos capazes de ativar a criatividade do leitor, em contato com o contexto do romance, desde que o mesmo acesse os intertextos necessários. Embora Machado de Assis seja leitura comum na área de Letras, vemos por bem trazer o fragmento do romance, porque, visualizando-o, temos condições de recuperar os sentidos do texto e comparar com mais proximidade, podendo perceber os recursos e os efeitos de uma e de outra escrita.

CAPÍTULO 54

/.../Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhados; e de certo tempo em diante não ouvi

coisa nenhuma, porque o meu pensamento, ardiloso e traquinas, saltou pela janela fora e bateu as asas na direção da casa de Virgília. Aí achou ao peitoril de uma janela o pensamento de Virgília, saudaram-se e ficaram de palestra. Nós a rolarmos na cama, talvez com frio, necessitados de repouso, e os dois vadios ali postos, a repetirem o velho diálogo de Adão e Eva.

CAPÍTULO 55

O Velho Diálogo de Adão e Eva

Brás Cubas

.....

Virgília

.....

Brás Cubas

.....

Virgília

.....!

Brás Cubas

.....

Virgília

.....

.....?

.....

Brás Cubas

.....

Virgília

.....

Brás Cubas

.....

.....

.....!

.....!

Virgília

.....?

Brás Cubas

.....!

Virgília

.....!

A seguir um fragmento do diário de leituras de um dos participantes do círculo que utiliza semelhante recurso, mas não para gerar o mesmo efeito, como o desejado pelo escritor acima citado. Na verdade, a partir desta escrita, tomamos contato com uma parte da história escolar de um indivíduo, que usa o recurso da pontuação, para dizer de sua imensa decepção com o julgamento exposto pela professora sobre seu desenho, que, segundo ele, levou dias e dias para ser feito.

“Não tive modelo de leitura, pai me falava que um filho só que tinha vivia pensando em ler sobre guerra e não lia a Bíblia ou outras bibliografias”. /.../

Quando estava na 6ª série a professora de educação artística pediu um desenho pessoal. Eu fiquei dias e dias desenhando uma batalha naval e aérea e terrestre, quando ela olhou?!?!? me bloqueio-me queria fugir de todos e de casa”.

(CLA-RL)

Como poderíamos interpretar a intencionalidade do produtor do texto na suspensão da escrita e na substituição pela pontuação? Aqui não se tem literatura. Em um texto que nos deixa ver que o julgamento foi o pior que se pode supor, inclusive pelos elementos posteriores que esclarecem a reação do autor do desenho diante da ação da professora, o que salta aos nossos olhos é o sentimento do estudante, que, ao ser convidado para um retorno a sua vida escolar, traz de volta um menino, que não dá conta de expressar em palavras a ação docente.

O resultado, como vemos, é o bloqueio que o próprio produtor do texto nos mostra, afirmando seu desejo em fugir de tudo, pois a crítica às suas preferências e seu desempenho não estão somente na escola, mas começam com o pai, como se pode verificar.

Deslocando o foco do leitor/escritor para o escrito, certamente verificaremos que os resultados estéticos não são os mesmos. Sem hipocrisia, estamos em terrenos distintos, de “autores” com expressões distintas. Isto não significa, no entanto, excluir, nas práticas de leitura e escrita, os textos que, mesmo não sendo literários, apresentem formas híbridas e heterogêneas. Foi justamente a inclusão deste tipo de texto e a sensibilidade de perceber a heterogeneidade da escrita a favor de um sujeito que nos permitiu, neste momento, avançar no caminho de nossos estudos.

Precisamos, então, trabalhar de forma tensionada, coerentes com o nosso tempo, para que não nos tornemos populistas, nem elitistas, nem preconceituosos e nem praticantes de um vale tudo. Toda esta exposição ilustra bem nossa proposta, mas se perdermos a dimensão do literário, podemos nos ler somente a nós mesmos e esquecer todo o percurso brasileiro de trabalho estético com a escrita. Lembremos outra vez de Ítalo Calvino, já mencionado no início deste estudo.

Depois de tudo, resta apenas dizer que não é gratuita, no texto de Corrêa, a presença da expressão **trabalho sofisticado com a linguagem**, referindo-se aos grandes autores, o que nos auxilia a fechar este ponto das discussões.

Para provar que estamos num campo minado, em que as teorias apresentam armadilhas, avancemos por um outro viés e pensemos, agora, no plano da narrativa dos grandes autores a visibilidade da oralidade, conquistada através da fala dos personagens “marginais”. Tomemos outros exemplos canônicos, como os personagens criados por escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e outros e veremos que o caboclo, dono da oralidade que gera a heterogeneidade da escrita, ganhou voz, mas pela caneta do intelectual.

Precisamos lembrar que toda a crítica literária lê a obra *Grande sertão: veredas*, pelo viés da literariedade, e isso significa dizer que a voz do caboclo é recoberta pela arte literária criada pelos escritores; nesse sentido, o caboclo é, portanto, uma ficção. Ganha visibilidade a construção estética e não a concreta oralidade do personagem, que é, sempre, lida pelo olhar “folclórico” das várias gerações de críticos. Podemos nos perguntar o que seria da oralidade de Diadorim, Riobaldo e outros personagens, sem a “pena” mágica de Guimarães Rosa? Aqui, fechamos com Affonso Romano:

Há que saber nomear as rosas e conhecer suas diferenças, quando não seja para apreciá-las, pelo menos para não enviar equivocadamente rosas brancas quando se quer enviar rosas vermelhas, pois a diferença cromática é já uma mensagem.

Para nós, no entanto, a experiência estética também não se reduz ao objeto artístico, ela existe a partir dos jogos de sentidos deflagrados no contato entre o sujeito e o objeto.

Assim, alcançamos a saga dos textos de Guimarães, no universo de recepção de uma leitora, despida de algumas referências de crítica, e o texto, ao invés de provocar-lhe prazer estético, ao contrário, faz com que a leitora caminhe por um território de interpretação muito particular.

“Considerarei um dos pensamentos de Guimarães Rosa, um tanto quanto preconceituoso em relação aos pobres, o pensamento é: “Na panela do pobre tudo é tempero.”¹⁷. “Embora não queira dizer exatamente isso, ofende um pouco, a classe menos favorecida”.

(VEL-DL, p.5/6)

Na carta de Guimarães, o provérbio, em meio ao contexto, traduz o desejo do escritor de trazer liberdade para a escrita do livro *Sagarana*, esgueirando-se dos limites colocados por escolas literárias e outras amarras. Mas a leitora insiste

17 Em carta de Guimarães Rosa a João Condé, explicando a escrita do livro *Sagarana*.

em ler, a partir de sua percepção, mesmo, ao que consta, sabendo não ser o que o escritor desejava expressar.

Por todos esses diálogos, nenhuma escrita foi excluída do presente estudo; mesmo aquelas consideradas “precárias”— que em muito se distanciaram do que espera a lógica acadêmica — forneceram dados para refletirmos sobre os locais da cultura ocupados pelos sujeitos, muitas vezes, determinantes, outras vezes, coadjuvantes, presentes em sua construção, enquanto leitor.

Vale a pena incluir, neste estudo, a comparação entre duas escritas que apontam para extremos, quando a questão se refere a: **críticidade, posicionamento e lógica da escrita.**

Algo que nos chama bastante a atenção, com relação à criticidade e assunção de posicionamento, está exposto nos fragmentos abaixo, quando a leitora se mostra avessa a opiniões unidimensionais e percebe o teor dos textos manipuladores. No texto *Diário de uma criança que não nasceu*, de autor desconhecido, o autor utiliza como recurso, para comover o leitor, a narração do desenvolvimento de um feto, durante os quase nove meses de gestação. Propositamente, é o próprio feto quem narra seu progresso e o vocabulário infantilizado, procura imitar proximamente a voz do narrador. Mas ao final do texto, o leitor que ainda não percebeu a intenção do autor (neste caso ela é importante) e nem leu a partir do título, pode ter uma surpresa, pois a última frase do texto é: *Hoje, mamãe me assassinou!*

Pela tentativa de manipulação, que não quer discutir, mas convencer, a leitora não perdoa e, com firmeza, se coloca:

“Se a intenção do autor foi discutir aborto ele só conseguiu mover pensamentos sentimentais e não de reflexão sobre o assunto.

A dramaticidade não respeita outras situações de aborto como o espontâneo, o de risco para a mãe até mesmo a questão do estupro”. (SUS- DL, p.13)

Mesmo utilizando termos antagônicos, como *pensamentos sentimentais*, nós notamos que a leitora percebe o caráter apelativo do texto, quando, indiretamente, chama o autor de irresponsável, pois afirma que mesmo não chama o leitor à reflexão. Inclui, ainda, o termo *dramaticidade*, para dizer da atmosfera dramática criada pelo autor, sem olhos para outras situações que envolvem questões tão sérias.

Em outro momento da recepção de textos, desta vez um quadro, *O jardim das delícias terrenas*, de Bosh, 1873, a leitora, tropeçando na dificuldade de expressão escrita, emenda:

“Essa pintura fez-me lembrar do livro de Ronaldo que aborda a ‘morfologia dos atos luxuriosos, atos de prazer ilícito’ e também a bestialidade, o sexo animalizado e a concepção de um modelo de moral judaico-cristã.

O pintor retrata a bíblia mostrando que a luxúria levava ao inferno. Mas se pensarmos nos dias atuais a nossa realidade mostra tudo do segundo fragmento da obra.

Existe prazeres, orgia, bestialidade, alcoolismo, drogas, etc. Então neste mundo de tentações e só com a certeza de inferno como fim e se no inferno existe tudo isso o ser humano é bem capaz de não querer ir para o paraíso”.

(SUS-DL, p.14)

Para finalizar, a criticidade retorna a ela mesma, a fim de pesar os prós e contras do seu processo: “/.../ tenho problema em escrever mais tudo para mim tem uma forma de esprestar e hoje neste momento e o diário que esta dando esta oportunidade se estão bem escritos ou não sei que estou em construção /.../”.

(SMS-DL, p. 21)

Ainda sobre posicionamentos, é interessante a escrita da leitora que, perplexa com a atitude do narrador, comenta o texto de Clarice, *A Solução*: “/.../ Obs. Não gostei dessa afirmação: ‘De que os elefantes são criaturas extremamente sensíveis’, está comparando Almira com um elefante’.” (VEL-PT, p.23)

Contra-pondo-se ao discurso crítico anterior, encontramos uma escrita organizada, lógica e disciplinada, como o discurso que ela veicula; mas, apesar da escrita organizada, traz somente paráfrases dos textos lidos. Em todas as produções, pedíamos para que o leitor opinasse sobre as leituras, o que parecia não ter sentido, haja vista a persistência desta escrita prestadora de contas, por dias a fio, desde o primeiro texto, em 08 de março de 2004.

Finalmente, depois de um mês de produção no diário, no mês de abril, temos o fechamento de um texto, em que vemos um sujeito emergir: “Sou contra qualquer tipo de invasão, o diálogo ainda é a melhor forma de resolver os conflitos.” Estas poucas linhas de posicionamento, ao final das paráfrases, perduram por mais um período, até que o leitor, no mês seguinte, inverte o processo e a crítica antecede ou entremeia o comentário sobre o texto que a originou.

É interessante ainda comentar, que, ao qualificarmos a escrita deste diário como uma espécie de “prestação de contas”, nós podemos articular, com um dos textos que o produtor transcreve, de Laurindo Rabelo, o poema, *O tempo*: “Deus pede estrita conta de meu tempo./ É forçoso deste tempo já dar conta,/ Mas, oh! Como dar em tempo tanta conta,/ Eu, que gastei sem conta tanto tempo?” Como coincidências não existem para as pesquisas, claro está que a “prestação de contas” detectada tem um primeiro fio preso a outras situações da vida do leitor/escritor e estes fios vão se entrelaçando, até alcançar a expressão escrita. Confirmamos, assim, a não-linearidade dos processos que envolvem a produção escrita, tanto do ponto de vista da forma, quanto do conteúdo. Explicar desta maneira nos coloca como contraditórios, já que nem mesmo os dois, forma e conteúdo, podem ser rigorosamente separados.

Importa também destacar que o fragmento transcrito a seguir mostra, em muitos momentos, o baixo poder dos ambientes escolares para sensibilizar o leitor e, outra vez, é a mídia que o arrebanha. Sobre o Santo Graal e o livro *O código da Vinci*, a leitora comenta: “Já estudei em literatura sobre o assunto, mas nunca entendi nem dei importância ao assunto, somente com a reportagem da revista que comecei a me interessar no assunto”. (VEL-DL, pp.6-7)

Mais adiante, o que nos chama a atenção é o aparecimento de ironias, um processo, como nós sabemos, que envolve muita sofisticação de pensamento e, para conseguir seu intento, a autora articula noticiários e publicidade televisivos, a fim de contrapor à notícia da produção cultural brasileira.

“O cineasta brasileiro Walter Salles está concorrendo ao prêmio máximo do Festival de Cannes, o principal evento da indústria cinematográfica na Europa. Ele compete com o filme ‘Diário de Motocicleta’ sobre a vida de Che Guevara.

É uma boa notícia para o nosso país? Um país que se preocupa com o estado de saúde de Maradona, que se preocupa se os bingos vão fechar, que se preocupa com qual cerveja o Zeca Pagodinho vai ficar? Essa notícia do Salles, é ótima é com isso que devemos pensar. ‘O Brasil vai melhorar’.” (VEL-DL, p.9)

O recurso da ironia não se restringe ao texto anterior e a leitora dá conta de lançá-lo a outro contexto de produção, que funciona muito bem, mas que, à primeira vista, nos chega como um comentário sem grandes pretensões. Sabendo que uma das regras de seleção da leitura de notícias está imediatamente ligada ao interesse do leitor, qual a importância desta notícia, se ela foi eleita como

interessante apenas pela leitora? Se nos pautássemos por esta impressão, não chegaríamos ao final do comentário, momento em que se situa a ironia. Vejamos:

“Li uma reportagem curiosa numa revista, dizia assim que em Minnesota nos Estados Unidos fizeram uma pesquisa com 14 chimpanzés, filmaram eles durante quatro horas.

Os chimpanzés aprendiam com a mãe a “pescar” cupins, usando gravetos. As fêmeas aprenderam a catar mais cedo, com mais frequência, e conseguiam mais cupins por gravetada.

Com essa reportagem está claro que as fêmeas são bem mais inteligentes que os machos”. (VEL-DL, p.10)

O recurso é tão sofisticado que não deixa clara a extrapolação da notícia restrita ao mundo dos chimpanzés e a sua ampliação ao mundo dos seres humanos, mas está justamente aí, nesta semente de dúvida, plantada no leitor, a inteligência da escrita.

Aparecem influenciando a leitura as transições de ambientes e, por conseqüência, o papel das **comunidades interpretativas**, permitindo registrar, com Fish, que o leitor está suscetível às mudanças, pela troca.

“Só comecei a fazer parte do mundo da leitura, aos vinte e três anos, no meu primeiro emprego, quando passei a conviver com pessoas completamente diferentes das quais eu estava acostumada a conviver. Foi aí, que aos poucos, comecei a me interessar pelos livros, vivendo num ambiente em que todos sempre estão lendo ou comentando algo a respeito de algum livro lido. Naquela altura eu comecei a me sentir muito perdida por não fazer parte daquele mundo, que parecia ser tão interessante/.../”. (ROG-RL)

A identidade profissional ligada à preocupação com a formação do professor-leitor aparece em muitos diários, conforme ilustra o fragmento exposto a seguir. Assim, a leitora comenta:

“A relação entre um futuro professor de língua materna e a leitura, deve ser estreita, para que estas leituras possam dar uma boa estrutura ao que o professor pretende transmitir a seus alunos. E para que se possa convencer os alunos, de que a leitura é a base do conhecimento, o profissional deve ser o primeiro a colocar a leitura em prática”. (TAT-RL)

Referindo-se ao ato de ler e às suas percepções sobre a leitura escolar o leitor registra, aproximando-se das teorias de formação do leitor:

“A leitura de diversas modalidades de textos tem sido enfocada, em nosso círculo de leitura. Para uma grande maioria dos alunos ler é difícil. A leitura, que deveria ser uma atividade prazerosa, de busca de novos conhecimentos, é, para a maioria dos estudantes, cansativa e desconfortável que não traz nenhum prazer. A leitura possibilita um maior grau de compreensão do mundo, e tem me ajudado muito na análise de texto”.

(MAR-RL)

E, ainda, com relação à leitura sem aproveitamento, a de cumprimento do ritual, em sentido vazio, o leitor se posiciona:

“A leitura não deve ser uma atividade obrigatória nas escolas. Deve-se achar um caminho no qual faça com que o aluno se interesse por ler sem que seja feita uma imposição, pois em vez do aluno tomar gosto pela leitura, acaba tomando ódio. Ao invés de lermos vários textos sem que prestamos a atenção devida que ele merece, por que não lermos, mas assimilando a mensagem que ele nos propõe?”

(JOR-RL)

Nota-se, a seguir, o registro de uma prática escolar descolada dos livros didáticos, que, no entanto, não se mostra profícua para o leitor que dela participou, pois a memória desta prática permite-lhe apenas fornecer uma descrição superficial, que o prende a comentários relacionados ao tamanho dos textos e à presença ou ausência de “figuras” nos mesmos. A causa para o acontecimento desta prática está na recusa às aulas cansativas e a consequência, na aplicação dos comentários em produções de textos dissertativos. É possível verificar uma boa intenção do professor, ao dividir com os alunos as escolhas dos textos, mas não vemos os desdobramentos esperados.

“No 1º ano do Ensino Médio, a professora de língua portuguesa sempre levava textos para serem discutidos em sala de aula, esse trabalho era feito uma vez por semana. Os textos eram variados, pois eram escolhidos pelos próprios alunos e pela professora, alguns textos possuíam figuras outros não, uns textos eram longos, outros curtos, enfim tudo isso para não ficar aquela aula cansativa. Os comentários que eram feitos em sala serviam para ser aplicados nas dissertações que eram pedidos pela professora”.

(KEI-RL)

Todos, sem exceção, se sentem insatisfeitos com a escola, que de alguma forma falhou no auxílio para a formação de leitores, como exemplificado pela voz destes estudantes.

O fragmento seguinte revela a importância das práticas de leitura, acompanhadas de mediação adequada, pois, muitas vezes, as queixas dos leitores

encaminham-se para as dificuldades sobre o como ler: “/.../apesar de anteriormente ter tido um pequeno contato com a leitura eu não sabia como ler e o que ler, ou seja, passei a ter uma visão bem crítica do que lia, as leituras passaram a ter objetivos maiores”. (GER-RL)

Logo abaixo, a consciência sobre estar “em construção” pode revelar para muitos a presença de um mero clichê, mas, ligando as reflexões da leitora em sua cadeia argumentativa, vemos tratar-se de um pensamento que permeia suas afirmações. Perceber que as leituras sempre nos colocam objetivos maiores e que, por isto, o leitor nunca está pronto, remove, definitivamente, a expressão *em constante construção* de estar inserida na categoria de clichê e a coloca em compasso com as teorias que se debruçam sobre pesquisas ocupadas com a formação de leitores.

“Então, partindo do princípio de minha trajetória como leitora em constante construção posso dizer que estou engatinhando nesta caminhada longa em busca do desenvolvimento de habilidades ligadas ao que considero um leitor ideal. Saber usar as palavras, produzir bons textos e saber fazer intertextos do que é lido com as questões em que estamos envolvidos na vida é uma das características de um leitor mais maduro, contudo o leitor nunca está pronto”. (GER-RL)

Dentre todos os benefícios proporcionados pela leitura, vista como forma de ampliar conhecimentos sobre si mesmo e o mundo, emerge a crença no poder daquele que é leitor e que, por isto, tem condições de dominar o outro. Segundo esta leitora, nos livros está a possibilidade de se obterem meios, não apenas fortes, mas “fortíssimos” de influência sobre outras pessoas.

“Por fim, minha concepção como leitora é insuficiente, porque gostaria de ter mais tempo para os livros, para que tivesse meios fortíssimos de influência sobre as demais pessoas, porque ler é uma forma de conhecer o mundo real e irreal que nos rodeia, é uma forma de conhecer a si próprio, além de que o profissional que tem uma boa relação com os livros é de grande importância para o futuro de uma criança, pois a mesma vê o professor como exemplo e esse motivo influencia muito na vida pessoal e profissional de qualquer ser humano”. (JOZ-RL)

E, como Clarice Lispector, a leitora acredita que: “*A palavra é meu domínio sobre o mundo*”.

A percepção com relação ao desenvolvimento dos participantes do círculo tornou-se bastante aguçada e a sensibilidade para com o trabalho do outro aparece registrada por muitos, como está exemplificado adiante.

“Um projeto importante vem sendo desenvolvido/.../ é o “Círculo de leitura” que faz com que nós alunos tomemos gosto pela leitura e melhoramos nossa interpretação textual. Nota-se claramente a evolução dos alunos de minha classe em relação as leituras e interpretação de textos. Pessoas que tinham dificuldades nos anos anteriores, hoje conseguem desenvolver os textos com mais desenvoltura e produzirem textos muitos melhores que antes, como é o caso de uma de nossas amigas que não citarei o nome no momento. Textos que pareciam de difícil entendimento, muitos deles se tornaram fáceis como, por exemplo, algumas obras de Machado de Assis”. (JOR-RL)

Merece atenção de nossa parte a peculiaridade do diário que analisamos a seguir, atentando para os aspectos formais dos textos presentes em seu desenvolvimento. Existe nele uma preocupação exacerbada em introduzir-se no que o leitor acredita que seja uma escrita acadêmica. Este diário é o único a apresentar, na segunda página, a transcrição adequada à formatação de um trabalho acadêmico, como uma folha de rosto: a escrita aparece toda alinhada à direita e procurando respeitar a redação indicada para este tipo de trabalho. Na página seguinte, lemos uma breve descrição sobre o comportamento do leitor que encontraremos lá dentro e, virando a página, teremos a seguinte introdução para o comentário do dia: “Aos dezesseis dias do mês de fevereiro, do ano de dois mil e quatro, tenho lido o texto ‘Reconhecimento de Nêmesis’ de autoria de Mário de Andrade, /.../”. (ADR-DL, p.2)

Podemos observar o nível de disciplina e modelagem transposto para a escrita e inferir que esta leitora pretende atender a um contexto formal, buscando aceitabilidade, conforme seu julgamento, sobre o que o contexto acadêmico determina. Advertida por várias vezes, quanto à liberdade de escrita, que deveria ser procurada, prossegue, ainda, insistindo com estas introduções comuns a textos documentais.

Somente depois de muito insistirmos no abandono de tal prática, pudemos, finalmente, nos deparar com uma escrita mais fluente e mais capaz de traduzir o seu sujeito; faz-se com tropeços, é verdade, mas, ainda que apresente interferências que exijam cooperação do leitor do texto, sem dúvida, vemos despontar a escrita de um “eu”. Vê-se no comentário seguinte, que traz a data descolada do texto, colocada à direita, no alto da página, despontar uma subjetividade.

“Ao ler a matéria “Os Perigos da Vaidade” divulgada na revista “Isto é”, pude fazer relação com o filme “O Advogado do Diabo”, pois pode-se perceber entre ambas como a inocência pode ser corrompida através das promessas de poder, de riqueza ou até mesmo de amor.

Com isso, ser poderoso traz certas vantagens, como ter conforto e um padrão de vida superior, no entanto, obter superioridade, muitas vezes, reside o perigo, pois isso nos ajuda a negar nossa verdadeira condição humana.

Portanto, ao exigir que sejamos brilhantes, acatamos a cultura moderna alimentando nossa vaidade. No entanto, ao depararmos para a própria imagem, veremos uma sensação de vazio”. (ADR-DL, p.7)

Além disso, outra característica interessante, mas também comum a outros diários, refere-se ao uso de vocabulário muito especializado, da área da teoria da literatura, para comentar as leituras. Presa à cadeia de um discurso formal, prossegue utilizando um vocabulário que, à vezes, soa artificial em sua escrita, pelo fato de não pertencer ainda, com leveza, ao seu próprio. É o que podemos perceber com o uso do termo “diegese”, por exemplo, criado por Gerard Genette, usado em situações de análise crítica, muito específicas. Este termo atravessa, de forma indiscriminada, vários diários. Revela-se, assim, a tentativa de apropriação do discurso teórico, conhecido pelos estudantes, nas disciplinas do curso de Letras que os leva a afirmar coisas do tipo: *No início do projeto citado meu comportamento enquanto leitora era muito imaturo, as leituras eram pautadas apenas na **diegese** do romance*. Não sabemos exatamente a que a leitora faz referência (talvez à temática), mas o uso do termo *apenas*, antecedendo a palavra diegese, deixa claro que se trata de algo muito simples de ser analisado, exatamente o contrário do campo semântico abarcado pelo conceito.

Vejamos, agora, um aspecto interessante que diz respeito ao emperramento da leitura, forçado pelos **obstáculos da linguagem**.

Mario Vargas Llosa, ao contar-nos sobre como usou a obra de Euclides da Cunha para escrever *A Guerra do Fim do Mundo*, dá-nos a ver sua experiência de leitura com *Os Sertões*.

Apesar do interesse pela obra, Llosa não deixa de mencionar o esforço inicial necessário para “entrar dentro” da linguagem difícil de Euclides, conforme declara em texto por ele inscrito e por nós transcrito a seguir.

Ler *Os Sertões* e isso foi definitivo. O livro é tão rico, tão estimulante, que compensa o esforço que eu tive a princípio para entrar dentro da linguagem complicada de Euclides da Cunha. Para mim, *Os Sertões* é das melhores experiências que tive como leitor. Foi realmente o encontro com um livro muito importante, com uma experiência fundamental. Um deslumbramento, realmente, um dos grandes livros que já se escreveram na América Latina. E isso foi decisivo, isso me deu toda uma curiosidade e um interesse enorme pelo tema de Canudos e também pelo personagem de Euclides da Cunha/.../.¹⁸

Dialogando, pelo avesso, com Llosa, uma das leitoras do círculo explicita que não consegue superar a dificuldade da leitura do livro de Euclides, mas encontra uma saída, com Danniell Pennac, apropriando-se da teoria do autor e dos direitos imprescritíveis do leitor. **Bom, algo quase impossível de ler é o tal “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha, mas como eu conheço os direitos do leitor vou usar o direito de pular páginas.**¹⁹ (IZA-DL, p.3)

Apesar da “quase” impossibilidade de ler Euclides, notamos, assim, um esforço em conhecer a obra, ainda que seja um conhecimento considerado superficial, pois dentre os dez direitos do leitor, está o *direito de não ler* e a leitora não se utiliza desta prerrogativa.

Ainda é importante registrar sobre as leituras do livro de Euclides, as contradições em que mergulha o leitor. Inicialmente, aparece nos diários a menção a *Os Sertões* cuja qualificação corresponde a “um belo e prazeroso livro que retrata bem a vida das pessoas oriundas dos sertões nordestinos”. (JTO-DL, p.6)

Mais adiante, encontramos uma comparação entre o livro e o filme, ambos estudados na disciplina de literatura brasileira, deixando explícita a dificuldade em penetrar na linguagem da obra impressa de Euclides — mais acessível às “classes cultas” — e a facilidade de penetração, oferecida pela transposição cinematográfica. “A obra escrita traz uma linguagem totalmente de difícil entendimento, voltada para as classes mais cultas, coisa que não acontece no filme que traz uma linguagem tipicamente cabocla, representando bem a fala do povo do sertão”. (JTO-DL, p.8)

Seguindo o percurso no diário do leitor, que chega ao final da leitura, vemos que o livro, anteriormente citado como belo e prazeroso, transforma-se numa narrativa longa e pouco acessível ao “leitor comum”. Neste caso, a adaptação para

18 Boletim Informativo do Programa Nacional da Leitura e do Livro (PNLL).

19 Grifos nossos.

o cinema é capaz de satisfazer o leitor, que vê desaparecer o obstáculo criado pela linguagem e, assim, finaliza, sobre o livro: “/.../ confesso que não gostei. Além de muito longa a história, ainda é de difícil entendimento. O filme é muito mais interessante”. (JTO-DL, p.9)

Já para um leitor mais disposto, o fato de o texto ser pouco atrativo, em relação ao seu gosto, não é motivo de impedimento para prosseguir com comentários, conforme se vê a seguir. Assim, com relação ao gosto temos: o não gostar dos textos pelo fato de não entender, tendo como empecilho a linguagem, ou, ainda, o não gostar devido a critérios subjetivos, ligados ao tema, por exemplo. No primeiro caso, o leitor inexperiente estará diante de um obstáculo e tanto; já no segundo caso, observaremos o avanço pelas camadas do texto, pois o leitor saltará do nível temático (se este não lhe interessou) para outros níveis de análise, como se vê a seguir.

“Hoje li o conto, “O jardim de caminhos que se bifurcam” de Jorge Luís Borges. Confesso que não gostei da história. Contudo, percebi uma coisa muito interessante: no círculo de leitura nós lemos um conto desse mesmo autor, Jorge Luís Borges, “A espera”, e pude observar que ambos os contos têm uma característica em comum: o leitor é quem vai escolher um final para o texto, pois o autor escreveu os contos de forma que o leitor, através das várias possibilidades, pudesse continuar os contos e optar por um final ou por vários”. (MAB-DL, p. 1)

Além disso, o leitor disposto a seguir, não pauta suas leituras seguintes em preconceitos com relação ao autor, ao contrário, oportuniza o diálogo, não se deixando reduzir pelas impressões de um único texto.

“No círculo de leitura li o texto ‘A Escrita do Deus’, de Jorge Luís Borges. Este texto, traz uma história muito legal, em que o personagem Tzinacan procura decifrar ‘A Escrita do Deus’ na pele do jaguar.

Porém mais interessante do que a história é observar o estilo do autor dentro da obra. E foi isso que prendeu minha atenção. Borges costuma em seus textos, falar sobre a questão do infinito e do labirinto, e essas duas características estão bem explícitas neste texto.

Por fim, comparando os textos de Borges, ‘O jardim de caminhos que se bifurcam’, e ‘A espera’, lidos em 2003 no círculo de leitura e em Teoria da literatura, com ‘A Escrita de Deus’, posso dizer que todos seguem a mesma linha de construção: a história é bem detalhada ao leitor e o final fica sempre aberto a várias possibilidades. Dessa forma, cada leitor pode continuar a história e imaginar o fim que quiser para ela já que, tratando-se do labirinto, existem infinitos caminhos a serem escolhidos. E cabe ao leitor escolher um e eliminar o outro e o caminho eliminado por um, pode ser escolhido por outro e assim infinitamente”.

(MAB-DL , p.11-12)

Retomando a comparação anterior, feita pelo leitor, entre o filme sobre Canudos e o livro de Euclides, queremos puxar um fio e levantar a discussão que envolve a afirmação sobre a presença nefasta, como acreditam alguns, da imagem na vida dos leitores, principalmente a televisão. É praticamente de “domínio público” entre professores, a crença de que a imagem é mais “fácil” de ser assimilada que o texto, em sentido puramente lingüístico, e isto merece ser revisto, porque se trata de enxergar a recepção de textos de forma bastante reducionista. A facilidade ou dificuldade de leitura está relacionada ao encadeamento de muitos e diferentes elementos nos textos imagéticos, impressos, híbridos e por aí afora, o que será explorado mais adiante.

Convém também demonstrar a sensibilidade de alguns participantes do círculo, ao extrapolarem as práticas de leitura do seu curso e lançá-las para outros contextos, no intuito de verificar aspectos teóricos relacionados à formação do leitor.

“O texto ‘A Bomba do Vaticano’, o jornalista aborda um assunto muito delicado, que é sobre o homossexualismo, mas neste texto voltado para os padres.

Mario Sabino brinca com o assunto que esta sendo cada vez mais questionado, cada vez mais argumentado nos jornais. E este assunto é muito delicado, pois os autores ficam do lado dos jornalistas e para os religiosos católicos esse texto é uma critica de mal gosto contra a igreja”. (ALG-PT, p.15)

É muito interessante perceber o movimento da leitora, quando toma a iniciativa de levar o texto à outra leitora, com formação religiosa mais radical, e concluir que o contexto de leitura e a formação do indivíduo afetarão profundamente sua maneira de ler.

Assim, a leitora observa:

“Obs: eu pedi a uma amiga católica que faz parte de um grupo de oração para ler e ela me falou justamente o que eu comentei na ultima linha ‘é uma critica de mal gosto contra a igreja’.

Cada pessoa tem um ponto de vista sobre esse texto, dependendo da formação religiosa que ela tem não quer nem perceber os outros pontos de vista que também estão certos no texto”. (ALG-PT, p.15)

Tal observação permite-lhe concluir que, quanto mais mergulhado nos dogmas, mais difícil é para o leitor desenvolver criticidade e ampliar o universo de leitura, lembremos do contexto corporativo da Polícia Militar e das respostas dadas à questão da prova comentada em capítulo anterior.

Trata-se de algo interessante o comentário que se segue, relacionado ao **prazer da leitura**, pois a leitora nos dá a ver as sensações de prazer que experimenta, ao ter contato com o texto, *Rosas Silvestres*, de Clarice Lispector, eleito como uma escrita não absurda, em face da obra da escritora. Notadamente, uma sensibilidade à flor da pele despertada pelo conto, seduz a leitora e ela prova sensações que considera inexplicáveis, misteriosas, maravilhosas. Este bem-estar, este prazer do texto, este deleite, nos dizeres de Roland Barthes, quer-se mesmo inexplicável. Vê-se um efeito afetivo (ou mais que isso) do texto no sujeito; existe para a leitora, dragada pelo perfume das rodas silvestres, um sentido, mas sem significado, um desfrute.

“Dos contos que li até então tem um que gostaria de decorá-lo para, que eu pudesse falar nestes encontros que tem todo ano.

O conto é de Clarice Lispector, e chama-se ‘Rosas Silvestres’. Acho esse conto maravilhoso, ele desperta em mim sentimentos inexplicáveis, quando começo a ler me arrepiava, me dá ondas de calor, outras vezes de frio. O conto parece ter um mistério. (eu que acho)

Até parece que não foi Lispector quem escreveu o conto, pois ela só escreve coisas meio absurdas”. (VEL-DL, p.19)

Talvez o mistério ao qual a leitora se refere seja exatamente a fenda erótica de que fala Barthes e nós, *voyers*, que, clandestinamente, observamos, sentimos prazer neste prazer relatado e invejamos a condição antipedagógica desta leitura.

O destaque para o trecho seguinte está na importância atribuída ao fato de ser veiculada em rede nacional uma notícia sobre a produção cultural do estado sul-mato-grossense, fazendo emergir outra vez a importância da **identidade**.

Apesar da informação errônea sobre Joel Pizzini, que não é poeta, mas cineasta, a leitora explicita a importância de ver sua região projetada no cenário nacional.

“Estava assistindo ao Jornal Hoje, da rede Globo no dia 10 de outubro e vi uma reportagem sobre Manoel de Barros.

Falava sobre o filme ‘Caramujo-Flor’, que Joel Pizzini um outro poeta, fez em sua homenagem.

Neste filme metapoético, por meio de uma colagem quase aleatória de fragmentos sonoros, visuais, Pizzini propõe ao espectador um itinerário de leitura para a poesia de Manoel de Barros.

Enfim achei importante uma reportagem sobre eles, numa rede de televisão que é assistida por milhões de Brasileiros”. (VEL-DL, p.20)

A valorização do seu lugar é compartilhada por outros participantes, nas situações em que, mais importante que a leitura de um livro, é o fato de este livro

ter sido lançado na capital do estado: “No meu dia de leitor, li o livro “meu Pequeno Diamante” de Nilda Alves do Nascimento, o melhor de tudo que esse livro foi lançado em nossa Capital Campo Grande – MS.” (IVG-DL, p.10)

Também a temática do índio, comum ao estado, perpassa várias produções e é assunto amplamente tratado em muitos diários. Como é possível prever, os leitores destacam notícias dos jornais e se mostram bastante sensibilizados com a problemática que envolve o índio, na região.

Também convém assinalar a presença do sagrado, da **religiosidade**, na produção escrita dos diários. Para qualquer dificuldade encontrada, tanto em situações acadêmicas, quanto em outras, extra-acadêmicas, a saída foi colocada sob a guarda de Deus, este proveniente de diversas religiões cristãs: evangélicas e católica. Sem exceção, todos os diários, num momento ou noutro, remetem a Deus, conforme se exemplifica.

“Ainda em relação ao concurso, pude ler também a Legislação que rege os policias militares do estado do Mato Grosso do sul, seu estatuto e algo como a parte especial do Código penal Brasileiro e parte Geral do Código processo penal, tudo para a realização do concurso que, infelizmente, não obtive nota suficiente para estar classificado dentro do número de vagas oferecidas. Mas como tudo acredito que vem da vontade de Deus, tenho que me conformar com o que foi merecido, pois, apesar disto, aprendi sobre cultura e a formação do Estado onde nasci e me criei”. (JTO-DL, p.12)

Esta onipresença torna explícita a forte influência do religioso nesta região²⁰ e suas possíveis conseqüências para algumas tendências de leitura, muitas vezes, pautadas em preconceitos.

O leitor, contraditoriamente, desenvolve senso crítico através das práticas da leitura e, em alguns momentos, escorrega nos preconceitos difundidos culturalmente, lendo por um único viés, questões de extrema complexidade: “Enfim, é um problema muito sério para a sociedade, uma sociedade que está quase achando o aborto uma coisa normal, assim como acham normal drogas, casamento gays, etc.”. (VEL-DL, p.24). E outra leitora, comentando sobre o texto de jornal *A prostituta é uma trabalhadora?* completa, contraditoriamente: “No meu ponto de vista ela é, pois muitas têm que sacrificar o corpo para dar o que

20 O estudo do Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano, já citado, pertencente ao campo da História, registra a influência da religião, especialmente da Igreja Católica, na colonização do estado do Mato Grosso do Sul e da cidade de Fátima do Sul, corroborando para nossas afirmações sobre o peso dos aspectos culturais e de suas conseqüências na formação de leitores.

comer e sustentar uma família, mas muitas fazem por prazer e mesmo para ganhar dinheiro na vida fácil, sem se importar com o corpo.” (SEU-DL, p.12)

Paradoxalmente, o sujeito se debate entre as teias em que se vê preso, e sobre o vídeo *Diálogos impertinentes*, um debate em torno do feminino e do feminismo, outra leitora se posiciona: “/.../as mulheres precisam “lutar” para que assim consigam a igualdade dentro da sociedade perante os homens.”(LEL-PT, p.27)

Em seguida, comentando o texto *Diário de uma criança que não nasceu*, a mesma leitora derrama ataques às mulheres, responsabilizando-as unicamente por situações-problema em que possam estar envolvidas.

“/.../só Deus tem o direito e o poder de gerar a vida e de tirar, somente ‘Ele’ e ninguém mais.

/.../as mulheres vêem a vida como algo qualquer, não preserva a vida não previne-se, e depois quando se encontra numa situação indesejada, ‘uma gravidez’, se julga no direito de tirar a vida de um inocente./.../ partilhei aqui minha opinião, não aceito o aborto”.

(LEL-PT, p. 23)

Desprezando outros pontos de vista de leitura, observamos a contradição, inclusive em nível de vocabulário, pois não é possível partilhar opiniões radicais. O verbo “partilhar” espera mais discussão, mais troca, sem que, necessariamente, isso possa convergir para uma transformação do pensamento. Em todo caso, temas extremamente complexos merecem atenção igualmente complexa.

Outro comportamento notado nos diários refere-se à repetição de expressões introdutórias nos textos, ao longo de, praticamente, toda a produção. Tal peculiaridade percebida, em um deles, está marcada pela frase: *no meu dia de leitor*. Notamos, através deste procedimento, um esforço empreendido no sentido de se constituir um sujeito-leitor, apesar de se tratar, na verdade, de uma leitora, que insiste na manutenção do termo leitor, no gênero masculino. Transcrevemos o primeiro texto do diário, para efeito de comparação, em relação ao desenvolvimento desta leitora.

“/.../sempre tive uma grande dificuldade, e com esse círculo estou aprendendo muito apesar de ser muito tímida e não dar opinião mas as minhas idéias sempre bate com a da turma.

Hoje tenhamos que agradecer muito por esse círculo de leitura, pois temos a oportunidade de interpretar e desenvolver texto através das leituras e está me ajudando muito”.

(IVG-DL, p.1)

O texto anterior citado transcrito, de setembro de 2003, mostra-nos um circular de idéias que progridem pouco, embora a leitora demonstre a atenção e a percepção voltada para o seu entorno e para o momento em que divide as leituras com os outros participantes.

Mais de um ano depois, em novembro de 2004, a leitora apresenta a seguinte reflexão:

“No meu dia de leitor eu li uma crítica que fala sobre ‘Todos os povos do passado e do presente’, autor desconhecido.

Os povos têm dificuldades de aceitar comportamentos, crença e costumes que contrariam os da sua própria cultura.

Nós apreciamos e até aceitamos com mais facilidade costumes que sejam parecidos com os nosso, pois vemos o mundo através de óculos formado pela cultura em que fomos criado e tomamos a nossa própria como padrão para julgar todas as outras.

A tendência hoje é buscar um maior entendimento dessas diferenças o que pode ser possível por meio do conhecimento da comunicação e de troca de experiência”.

(IVG-DL, p.19)

Em relação ao primeiro texto, neste segundo verificamos uma reflexão mais sofisticada, uma análise que extrapola o próprio universo, abarcando, com ele, outras compreensões. Notamos que as idéias mostram progressão e um pensamento conclusivo diante da exposição, reconhecendo que a troca de experiências é fundamental nos tempos em que vivemos para que se articule um entendimento entre as diferenças. Não seria exagero aproximar tal pensamento de teorias já expostas ao longo deste estudo, como em Yunes e Guattarri. O texto ainda apresenta pontos que necessitam de mais trabalho, contudo, o esforço a que a leitora se submete gera transformações significativas também na sua escrita.

Aspecto interessante encontrado nas histórias de leitura refere-se ao roubo ou desejo de **roubo de livros**: “O livro que eu me lembro foi de Estudos Sociais, na 4ª série que falava da guerra do Brasil e Paraguai, fiz de tudo para ficar com este livro, mas a professora não deixou e meu pai passava uma educação tradicional” (CLA-RL). Quer dizer, embora a professora impeça o leitor de ter o livro desejado, ele confessa que isto não seria obstáculo para roubá-lo, o impedimento revelou-se na honestidade exigida, através da educação tradicional transmitida pelo pai.

Vejamos outro fragmento:

“O gigante preguiçoso” que foi o último livro que dispus na biblioteca encontra-se comigo até o devido momento, porque, foi tão fascinante que não o devolvi. Depois desse episódio, não emprestei mais livros na biblioteca, porque só me emprestavam se eu devolvesse o outro, foram muitas as cobranças e bilhetinhos que mandavam para meus pais, o que os deixavam furiosos.

Dessa maneira, para escapar desse problema, escondi o livro e falei para meus pais que já o tinha entregue e que a secretária da biblioteca provavelmente não tinha desmarcado, depois de um tempo os bilhetinhos deixaram de chegar, não sei qual o motivo da suspensão dos mesmo, penso que a secretária cansou de escrever e desistiu da cobrança, já que o livro não iria ser entregue”. (JOZ-RL)

Nos dois casos relatados, poderíamos justificar o roubo de livros como sendo “coisas de criança” apenas, porque, como nós vimos, os leitores contam estes fatos ligados à infância. Alberto Manguel, porém, ressalta:

Podemos relutar em justificar os roubos de Libri, mas o desejo subjacente, o anseio de ser, ao menos por um momento, o único capaz de chamar um livro de **meu**, é comum a mais homens e mulheres honestos do que talvez estejamos dispostos a reconhecer.²¹

Outro momento interessante, dos encontros do círculo, deu-se, com a chegada de um texto, pelas mãos de uma das leitoras, o que nos permitiu recolher dados sobre aspectos relacionados ao **erotismo** e à **pornografia**.

O texto intitulado *Foder*, com suposta autoria atribuída a um autor modernista, Farias de Carvalho, foi causador de uma clara divisão — como qualquer um de nós poderia prever —, no grupo, entre liberais e conservadores (mas a votação para a leitura do texto foi unânime). Para os primeiros, claro, houve os excessos de exposição e, para os outros, o discurso moralizador; no decorrer da conversa, em mesma proporção, os discursos levantavam-se, de um lado e de outro, com exposições excessivas e moralizações.

Hoje, partindo de Rita Lee, com *Amor e Sexo*, passando pelas *Intimidades* de Luiza Coelho e chegando à teoria, em *O Erotismo*, de George Battaille, temos muito material de discussão sobre as fronteiras entre o erótico e o pornográfico, se é que existem.

Tudo isso à parte, o que nos interessou na entrada deste texto foi a possibilidade de poder jogar com as linguagens, trazendo, por exemplo, *O amor*

21 MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura, 1997. p . 277. Grifo do autor.

natural, de Drummond e um texto teórico, bastante acessível, chamado *Vaginas Entrelinhas*, de Oda²², que lia Drummond, à luz de Houaiss e Antônio Cândido. Uma das principais críticas ao poema de Farias referia-se ao vocabulário, conforme exemplificado a seguir, comparando com os poemas Drummond: “/.../ o autor fala de um mesmo assunto, mas não sendo obsceno e também, ele não usa nomes populares que faz com que o sexo torne algo vulgar, grosseiro e feio” (LEL-PT, p. 22).

Com relação ao vocabulário, este nem sempre foi sinal de literariedade, pois em Drummond, por exemplo, a palavra “bunda” aparece utilizada por várias vezes e não consta que seja um termo poético, erudito. E, ainda, sobre a percepção em torno da discussão temática registramos:

“Todas as discussões do CIL sempre foram produtivas, não foi diferente quando tivemos a oportunidade de falar sobre o texto ‘Foder’.

No desenvolver das discussões centradas em sexualidade e sexo, foram surgindo marcas pessoais de: falta de informação, preconceitos, vergonha e conservadorismo. Isto ficou claro quando poucas pessoas assumiram terem assistido ou terem curiosidade em ver filmes ‘eróticos’.” (GER-DL, p.13)

O exercício de aproximação, pela temática, e o distanciamento, pela linguagem, entre os textos possibilitou aos estudantes aguçar a percepção sobre o fazer literário, sem construir posicionamentos dicotômicos; pensamos em níveis de literariedade, em maior ou menor grau em alguns pontos. Não deixamos de mencionar, claro, o papel do leitor na construção destes sentidos todos e, a partir do diálogo, entre estes textos, alcançamos leituras mais equilibradas. Assim, encontramos também:

“/.../Poderia se escrever muito sobre este tema, porém o que se quer esclarecer é que o ‘amor’ (sexo) nada mais é que o desdobramento previsível pelo qual a poesia de Drummond passou. Foi de maneira geral bem aceito este texto, pois assume uma linguagem elevada para tratar de um tema tido como baixo, um “amor bem natural”.” (VEL-PT, p.31)

Seguindo para a **previsibilidade do leitor**, cabe aqui, uma demora maior nos textos imagéticos. Como nos diz Chartier²³, a leitura também se faz pela resistência e, ao longo deste estudo há exemplos de muitas leituras nessa linha,

²² ODA, Lucas K. S. *Vaginas Entrelinhas*. 2004.

²³ CHARTIER, Roger. *A história cultural*. 2002.

apesar de percebermos ser tarefa impossível mapear todos os pontos de desvio e resistência pelos quais passa a leitura do sujeito, em contato com os diferentes textos. Como não só de desvio e resistência vive o leitor, vale a pena transcrever exemplos de alguns caminhos escolhidos durante a recepção de textos de quadros e verificarmos traços do leitor ideal, previsível, que emerge diante de alguns textos ou opções de leitura. Nós observamos que, no que diz respeito à “leitura” de obras de arte, ao centrar o interesse, prioritariamente, na temática, os leitores demonstram previsibilidade. Nesta prática, os leitores de posse de um livro de pinturas, expressivas a partir do século XIII, podiam fazer escolhas, conforme sua sensibilidade indicasse. Deram-se as opções:

A adoração dos reis magos, de Giotto di Bondone (séc XIII), foi uma das opções feitas pela leitora que assim se justificou: *teria condições de explicar detalhes do quadro*. Já que possuía muito conhecimento bíblico, pelo fato de ser evangélica, a cena, que lhe era bastante familiar, no texto impresso, alcançou-lhe rapidamente um sentido, transposta para a imagem.

Também *A tempestade*, de Giorgione (séc. XV), teve como elemento primordial para a escolha desta outra leitora, a figura da mulher amamentado, além da divergência entre os especialistas em caracterizar a mulher como uma cigana ou como a Virgem-Maria. Existe nos comentários da leitora, o rápido apontar de alguns elementos do quadro, importantes para a leitura das imagens, mas não desenvolve suas impressões: “... Os pilares quebrados, o relâmpago numa cidade deserta o jogo de luz e cor uma mulher com bebe” (SUS-PT, p.20).

Outro quadro comentado foi *As vaidades da vida humana*, de Harmen Steenwyck (séc. XVII), e a leitora se comenta: “Considerarei interessante ver a figura de um livro em meio aos objetos considerados de vaidade pelo pintor” (SUS-PT, p.20). Esta leitora faz uma interpretação muito adequada sobre a temática do quadro, no entanto, não se sensibiliza com elementos importantes da obra ligados aos efeitos da imagem, como luzes e contornos, entre outros.

Está incluído nas escolhas o *Efeito de outono em Argenteuil*, de Claude Monet (séc.XIX), sobre o qual a leitora limitou-se a dizer de seu gosto em relação a obras impressionistas.

A obra *A Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci (séc. XV) desponta como um interesse do leitor em desvendar a importância do quadro. Também, de maneira

previsível, sendo policial militar, comentou sobre *Os Fuzilamentos de 03 de Maio de 1808*, de Francisco de Goya (séc. XVIII).

Embora nesta experiência de leitura elementos como luzes e sombras, cores, perspectivas e contornos tenham sido explorados nas conversas do “círculo”, percebemos que não se tornaram relevantes a ponto de refletirem de forma mais contundente, nas produções de textos sobre os quadros.

Há, entretanto, a exceção de um leitor que abriu a leitura, levando-a para a internet, pesquisando sobre o quadro lido e trazendo de volta à produção de texto. Assim, retorna o leitor:

“A ‘Monalisa’ esta dentro do Renascimento por algumas características como uso do claro-escuro, realismo, início do uso da tinta a óleo, perspectiva no fundo (picos agudos, estradas sinuosas, águas ao longe. As linhas convergentes atrás da cabeça de ‘Monalisa’ se chamam ‘perspectiva’ com um único ponto de fuga)”.

(JTO-PT, p.21)

Estes leitores apresentaram tendência a ler as pinturas como figurações e não como representações, aproximando-as de seus interesses mais imediatos (o que deve ser valorizado). Em alguns textos de literatura, esta tendência vinha sendo substituída pelo olhar mais aguçado voltado a outros elementos tais como: pontuação, opção das palavras e da ordem frasal, neologismos, distribuição da paragrafação, etc.

A partir desta experiência, é possível perceber que elementos específicos que figuram em determinados suportes de leitura, justamente o que denota as transposições de linguagem, de uns para outros, devem ser explicitados, a fim de que o leitor se sensibilize para tais diferenças, como é o caso da música, do cinema, do teatro e da própria literatura. Neste caso, ao mudar o suporte (mesmo não se tratando de quadros em suas dimensões reais), o leitor retrocedeu para uma leitura mais inicial, um primeiro nível, conforme os distribui Maria H. Martins.

Analogamente, outros três textos que envolvem imagens suscitam reflexão: os filmes *Encontrando Forrester*, *As Horas* e *Três Desenhos de Caulos*.²⁴

Sobre o primeiro, foram encontrados comentários tímidos relativos à linguagem específica do cinema, que tem, na câmera, um valioso instrumento de

24 Vide Anexos.

construção e de condução da narrativa. Para a maior parte dos leitores, este instrumento passou despercebido, mas foi possível registrar:

“/.../No desenrolar do enredo percebemos que o diretor utiliza recursos como close das câmeras para prender o espectador, isto fica evidente logo no início quando percebemos closes focando a janela de um prédio na periferia, ali morava um célebre escritor chamado Willians que seria um importante amigo do Jamal e juntos iriam vivenciar grandes emoções./.../” . (GER-PT, p.23)

Já o filme *As Horas* — depois de superada a dificuldade de compreensão, já que o filme apresenta mais sofisticação, em relação ao anterior, no que diz respeito à não-linearidade narrativa — gerou mais comentários em torno das temáticas percebidas; e a preocupação em entender e em explicar a “homossexualidade” das personagens aparece registrada em todas as produções.

Por último, é nos desenhos de Caulos que se pode verificar a dificuldade maior de desvendamento. Todos os leitores ficaram por minutos a fio, observando atentamente os desenhos, cujo sentido não lhes afluía. Depois de provocações da mediadora, o sentido ia apontando, aos poucos, dentro do previsto. Apesar disso, houve a leitora que, desconfiada, não se satisfiz com as discussões, o que tornou possível registramos um comentário bastante interessante:

“Para concluir estas observações, a princípio parece-me tratar de testes psicológicos para avaliar o nível de atenção, observação, concentração e percepção do leitor. Espero ter alcançado o objetivo destes textos ou testes avaliativos”. (NIL-PT, p. 11)

Ao longo deste capítulo, certamente, pudemos distinguir entre os jogos da **interpretação** e da **análise** em diversos momentos, quando ainda não os tínhamos em foco. Convém, no entanto, dedicar um espaço a esta observação, demonstrando a interessante passagem que leva o leitor de um ponto ao outro. Os fragmentos a seguir, referem-se ao texto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa. A interpretação inicia-se com o texto de Marina Colassanti, *A moça tecelã*: “/.../ Isso porque antes do casório é um sonho encantado, depois de se casar a história muda e começam as cobranças e brigas fazendo com que o mundo encantado se desencante” (ROL-PT, p. 5).

A partir dele, a leitora, com uma espécie de fixação interpretativa, prossegue com o seu desencanto e alcança a “terceira margem”:

“Já pelo título desse conto, falando de uma terceira margem, quando só conhecemos duas margens no rio, podemos imaginar que vai ser uma história fantástica, inacreditável. /.../ Pela minha leitura do texto, a razão de tudo foi a infelicidade do casamento. /.../ “.

(ROL-PT p. 7)

E outra leitora corrobora:

“/.../Talvez ele fez isso pois tinha uma outra mulher e outros filhos/.../”.

(VEL-PT, p.9)

E mais uma:

“Pela minha leitura do texto, a razão de tudo foi a infelicidade do casamento. /.../”.

(CEL-PT, p. 7)

Em seguida, um leitor salta do terreno da interpretação para o da análise:

“/.../Esta história é um enigma de onde cada um tem uma forma diferente de tirar suas conclusões, envolve muitos mistérios, e o principal mistério é o motivo que poderia ter feito este homem passar o resto de sua vida dentro de sua canoa no meio do rio e poucas vezes à margem do rio”.

(MMA-PT, p.9)

Finalmente, com maior profundidade, tem-se uma análise mais próxima da crítica literária:

“/.../Por fim, pode-se afirmar que, o autor aborda a percepção dos problemas vitais que existem no interior do ser humano, atingindo assim, a universalidade psicológica e é, por isso, que o texto demonstra ter vários sentidos, dando permissão a vários tipos de hipóteses”.

(DIS-PT, p. 9)

Merece ainda um rápido comentário a recepção de dois gêneros de textos específicos: a crônica de humor e os textos de informação de revistas especializadas, pois estes tendem a ser lidos com bastante ingenuidade. Os leitores dão credibilidade excessiva a textos como os da revista *Nova Escola* e, ao ler crônicas de humor, percebemos boiarem na superfície, apesar das reflexões.

Por isso, encontramos, com relação às crônicas, uma infinidade de produções parafrásicas, que nada diziam de mais sobre os textos, a não ser a crônica *Os Índios de Berlim*, de João Ubaldo, pelos motivos temáticos que já mencionamos, e outros poucos comentários mais críticos sobre uma ou duas das crônicas lidas. Com relação a este segundo aspecto, é possível perceber que, ao mesmo tempo em que a linguagem do humor facilita a compreensão e a interpretação (a maior parte dos leitores afirma tratar-se de um gênero fácil), ela

embaça a visão para outros pontos, pois o gênero parece aos leitores ter “apenas” a intenção do humor, sem maiores pretensões, como as críticas, por exemplo.

Com relação aos textos de revistas especializadas, como a citada, muitos são, ainda, inquestionáveis, nas produções dos leitores, levando-os a afirmar, por exemplo, que a escola brasileira apresenta problemas como a de qualquer outro país e não é o fato de o Brasil ser um país “terceiromundista” que o faz ter problemas com a educação.

Finalmente, trazemos a **sensibilidade**, um elemento que aflora com muita timidez, e fica (num nível consciente) reservado aos iniciantes, àqueles que, diante da dificuldade de compreensão, só lhes resta ler pelo sensível. Infelizmente, nos espaços acadêmicos há uma distância abismal entre ler com a sensibilidade e ler com o “saber”. Os leitores julgam a sensibilidade como algo menor, o que não significa dizer que consigam ler sem ela; já vimos que não (num nível inconsciente todos a usam). Assim, o que transcrevemos, a seguir, trata-se de fragmentos portadores de uma sensibilidade assumida, porque a leitura, o sentido, está para além do texto lido, na humanidade de todos nós. “/.../Todos nós temos algo em comum, já sofreremos por algum motivo, mesmo que tenhamos vidas completamente diferentes, mas o coração é algo que nos faz iguais.” (CEL-PT, p.10)

E o contador de histórias é lembrado, porque, enquanto fala das suas narrativas, fala sobre as das outras pessoas. “O texto ‘Oralidade, afeto e cidadania’ de Francisco Gregório Filho é um texto que nos faz recordar momentos que vivemos /.../ Muitas vezes a voz do olhar fala mais que a da boca” (VEL-PT p.25).

Referindo-se ao mesmo texto, outra leitora lança-se ao encanto de sonhar:

“/.../remete-nos a recordações de pura união familiar e chego a imaginar todos reunidos em volta da fogueira, comendo pipoca enquanto o avô conta as belas histórias.

É muito interessante quando leio ou ouço alguém contar o relacionamento familiar, fico me imaginando com esta vida de pura união, mas nada acontece sem que Deus permita”. (CLH-PT, p.5)

Mas, se o sonho é tão distante, se a saída é tão difícil, melhor, como a personagem velha do conto de Clarice, *A menor mulher do mundo*, confiar ao Senhor os destinos: *Deus sabe o que faz.*²⁵ Sigamos, então, para as nossas conclusões.

25 LISPECTOR, Clarice. *A menor mulher do mundo*. In: *Laços de Família*, 1998.